



**Poemas da Meia
Noite**

António Diogo S. Manuel

A young man with short dark hair, wearing a white visor, a white t-shirt, and light blue denim jeans with a tear at the knee, is sitting outdoors. He is looking to his right. The background is a bright, clear blue sky and some dry, yellowish vegetation.

Poemas da Meia Noite

António Diogo S. Manuel

Ficha Técnica:

Título: Poemas da Meia Noite

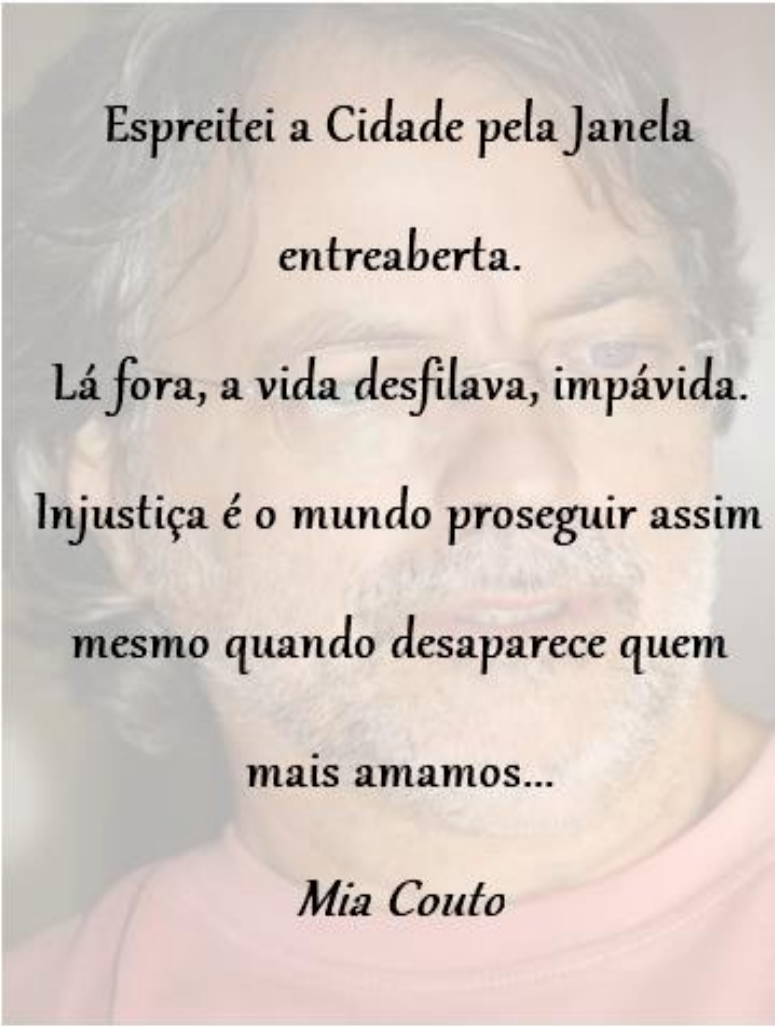
Autor: António Diogo S. Manuel

Editora Digital: [Água Preciosa](#)

Texto: Verdana 12

Capa: Belson Hossi

Revisão dos Textos: António Diogo S. Manuel



Espreitei a Cidade pela Janela

entreaberta.

Lá fora, a vida desfilava, impávida.

Injustiça é o mundo proseguir assim

mesmo quando desaparece quem

mais amamos...

Mia Couto

Índice

Agradecimentos

Dedicatória

Prefácio

A Fúria do Ego

Silêncio

Abnegação

A tristeza do infeliz

Nada pessoal

A Sátira aos gigantes

Não há delongas

Testamento de um Poeta Doente

Antes do Adeus

Era para ser impossível

Eutanásia

Todas nossas Nuances

Desprendimento

Holocausto

Pesadelo do qual tento despertar

Entre Estrelas e Pirlampos eu sou o Lunático

Palavras ensanguentadas de um louco

A Novela da Chuva

Dilema entre sexo oposto

Intermitências da morte

Memórias de uma consciência em prantos

Advérbio de Tempo

Astro do dia

Hercúlea

Queria que não chorasse I

Queria que não chorasse II

Hipócrita

Andarilhos

Isto não é um poema de amor, é sobre viver

Comum

Era uma vez

Viver é um jogo mortal

Solidão em solidão

Matem-me e o mundo será melhor

Versos de um Escravo Moribundo

Abstenção

Recônditos da consciência suicida do Solitário

Um conto de Elegia

Complexo de Inferioridade

A minha carta de Velório

Biografia

Agradecimentos

Agradeço ao Todo-Poderoso que tudo fez e faz por mim, aos meus pais Sousa Manuel e Josefina Teresa Salomão, aos meus irmãos que sempre estiverem presentes. Agradeço também aos meus amigos, Adérito Coia, José António, Lázaro Fernando, Rosa Angelina, Cobalto CM, Narciso, Alberto Lucas, William, Francisco Figueiredo, Amarildo Manuel, Pedro Coia que a vida e os momentos de nostalgia me deram e a todos amigos virtuais com quem partilhei momentos incríveis e que sempre incentivaram a continuar, sou muito grato.



Dedicatória

Para as noites de nostalgias e insónia;
Para o meu coração quebrado... E minha solidão.
Sou eternamente grato.

Dedico também a meus Pais Sousa Manuel, e Josefina
Teresa Salomão

Prefácio

Hoje aprendi várias lições... Aprendi que o homem é o ser mais brilhante do mundo em sua forma de pensar... Tudo gira em torno dele, nada se faz ao acaso, pois não existe!

A uma causa grande por de trás da nossa existência... Ninguém escapa, ninguém disfarça sem ser descoberto, há sempre uma pista a seguir... A nossa lógica bloqueia o sentimento e a culpa é das estrelas! Pois não brilham no dia!
O sol só reflecte o superficial... As máscaras ainda continuam nos recônditos do ser...

O homem preocupa-se demais com o próximo, literalmente! Esqueceu a si mesmo e nunca viveu seu amor-próprio. Chora com os que choram, mas ignora o grito carpideiro de sua alma definhando no golpe de eutanásia... Enfim, provar aos outros que valemos é mais importante que valer a pena!

Pessoas partem, trocam e até desistem por causa de outras... Se reduzem a NADA, para serem Algo!

Porém lembre que somos seres poderosos, outros nos completam. Mas cada um é livre em escolher o pedaço que completa seu Puzzle da VERDADE essencial.

Antônio Diogo



A Fúria do Ego

O sentimento,
A fúria que sinto cá,
Dentro de mim,

O ímpeto de valentia...
De querer ser melhor que você!
De querer esfregar seu rosto,
Com as de uma vara,
O desejo de igualar minhas habilidades,
Com as suas
E ser melhor que você

Sou igual ao escorpião,
Picar é minha natureza...
Esvaziar os tanques de cólera
É meu objectivo central,
Que actua como doses de vertigo,
No sangue da vítima,

Você é a vítima,
Então se afaste,
Pois a minha fúria me deixa inquieto...

Nem a noite me sossega,
Não há paz comigo mesmo,
Os morcegos me abraçam nas trevas,
Me ensinam a sobreviver a sangue frio,
Como as serpentes...

O sentimento,
A fúria que sinto cá,
Bem aqui,
Dentro de mim!



Silêncio

Ouço a sua música,
Sussurrando nas entranhas da minha alma

O som se propaga à mil quilómetros de velocidade,
As ondas sonoras acariciam as paredes do meu ser,

O mutismo ensurdecedor está possuindo o meu Eu
Eu Enxergo a orquestra sinfónica,
Tocando ao som suave do silêncio

Ouço-a no viva-voz
Numa concentração auditiva unifocal,
Porém as ondas sonoras levam-me a bordo a uma viagem
multidimensional

Me vejo ondulante, ora plano ora mais elevado,
Como um atleta à prova da corrida com obstáculos,
Saltando alguns e deixar-se cair com outros...

E ainda assim ouço ao som do silêncio,
Na Melodia da serenidade,
Como ecos ecoando a voz do íntimo,

O silêncio toca-me vagarosamente,
E eu fico afónico, ouço-o, mas não consigo recitar seus versos
brancos...

Perdido na fantasia humana,
Me reencontro na reencarnação do meu próprio íntimo.



Abnegação

Rios intermitentes se precipitam,
Formando cataratas,
A queda do precipício é grande

O mundo me vê nu,
O corpo exposto no relento à vista desarmada,
A vergonha que se apossara envergonhou-se e foi-se

Ficou só eu e minha voluptuosidade abnegada,
Sim, abnegada
Eu as abneguei
O mundo já não me diz respeito,

Meus olhos ainda saiem águas salgadas,
A minha consciência parece cansada,
Ouh sim levo-te comigo a todo instante

Vamos cavalgando na selva da emoção,
Rindo e chorando... Te amando,
Enxergando o coração,
Ouvindo a voz da oração recitada no subterrâneo

Então eu deixei o mundo
Abandonei a voluptuosidade do mundo,
E vivo meu próprio mundo,
Que é infinitamente maior na qual me perco e me encontro nos meus
próprios labirintos,

E assim vejo outro mundo,
O teu mundo, emitindo réstias de luzes,
Em forma de sorriso,
Como uma rosa se abrindo para agradecer pela vida,
Contemplando o que há de belo e Sublime,
O sol

A tristeza do infeliz

Ninguém me ampara,
Quando colho, outro separa,
Faço tudo por amor, até minha estupidez,

A lua me observa,
O seu minguar ilumina meu rosto pálido,

Estou aprisionado no casulo da emoção,
Minas lágrimas caem,
O mundo não me quer,
E aqui dentro é tão escuro...

Mas não existe destino,
Nem acaso,
Então eu mereço isso!

Pensei ter conhecido a felicidade,
Afinal era só o " bom" disfarçado, a maldade,

Sou o contrário constante,
Sou triste porque você é feliz,
Sou baixo porque tu és alto

Hoje o mundo tem mais espaço,
Cada tem o seu lugar,
O meu lugar é aqui,
No fundo,
Bem no fundo

Onde permaneço com os olhos cerrados,
E joelhos dobrados,
Ouvindo a voz do íntimo



Nada pessoal

Chorei milhares de vezes,
Quando ria entre vós
Fazendo piadas, umas atrás das outras
Gritos carpideiros ecoaram dos meus lábios
Cantando a minha própria morte entre vós
Não sabia o que ser e como ser entre vós

Quem sou?
Minha identidade é desconhecida
Tenho sido o que não sou de verdade,
Porque não sei o que sou de verdade

Quando às águas claras rolaem as minhas faces
E a chuva as limpar espero saber o que sou para vós

Não sei fazer o que vós fazeis
Sou um ente de pequena estatura
Um homenzinho meta-humano sem poderes sobrenaturais,
Morro a cada dia com as formigas pisadas,
A morte é minha amiga, onde me consolo
Vou morrendo ao me levantar e ao deitar,
Só a morte me dá colo

Vós sóis entre vocês mesmos
Então são muito mais fortes
Sorrio o tempo inteiro morrendo entre vós para ser visto,
E no final do dia me pergunto quem sou entre vós?
Só mais um...

O nada do vazio de vocês
Que logo preenche esse lado vosso
O nada consta da vossa lista de intimidades,
O nada a ver com vocês e com a vossa vida
O nada a ter um destaque no vosso seio
O nada a perder quando não está

Sou nada importa quando uma lágrima de morrer desliza sobre
minha face,
Enfim sou o nada de tudo
E o tudo de nada
Que ainda não é nada para vós
E nem será mesmo que o Big bang explodir-me outra vez e mais
outra,

Chorei milhares de vezes por ser o nada de vocês
Porque sou nada de mim mesmo
Nadando no vazio oco e flutuante da minha consciência de nada
Pensando nada de mais, nada de menos,
Apenas nada

A Sátira aos gigantes

E se possível não precisar,
Unta-te com teu orgulho pegajoso
Une-te a voloptuosidade de suas vidas carnais
Esqueça a misericórdia e o perdão aos feridos,
Pois nós feridos não o precisamos
Calem a minha boca e a de meus irmãos
Para que vocês e somente vocês possais falais,

De que vale minha palavra e as nossas vozes
Se nosso pensamento solto nunca sai da consciência?
Sendo apenas pensamento na caverna de Platão
Por isso cortem a minha e as nossas línguas
Porque existimos só e somente para nós
nos sonhos de Descartes

Pois sabíamos o que não sabíamos que falávamos
A língua mãe,
Meus senhores façam tudo a vosso favor,
Degolem nossas cabeças igual a Pangloss, e,
ainda assim tudo está o melhor possível neste mundo

Nem que matassem a minha Cundenguedes
Continuarei Cândido eu e meus irmãos
E tudo está o melhor possível neste mundo
Seremos cândidos em pensamento
E na alma

Mesmo que jamais ouvirão a minha e nossa voz errónea
Ainda que eu e meus irmãos fôssemos enforcados
Por causa dos nossos erros,
Se bem que sou ninguém e meus irmãos assim o são

Tudo está o melhor possível neste mundo
Esqueçam o vosso perdão a nós,
De nada nos valerá
Pois somos equívocos
Dentro do El dourado da nossa caverna

Não há delongas

O tempo é só um vasto cheio de infinitos,
Nunca passa e jamais há-de passar
Nós humanos é somos viajantes passageiros no oceano do tempo,
Somos mortais navegando no mar imortal,

O tempo é semelhante ao enorme papel de parede que se chama universo,
O tempo tem infinitos pontinhos brilhantes,
As estrelas
E os buracos negros que são as nossas covas,

Todavia vivemos nesse tempo sem fim,
Que encurta nossa vida em cada outono
Não importa a nossa viagem,
Pois não há destino nenhum
De vez em quando paramos de respirar ao nascer,,
Em outras por causa dos nossos 70, 80 ou raramente por causa dos 90.

Não há relógio do tempo
Nem da vida no tempo,
Há no entanto pequenos espaços entre os infinitos,
Do dia para noite e da noite para o dia
De janeiro ultrapassado o fevereiro..., Até dezembro se fazer janeiro,
E aí mesmo onde perecemos,
Sem calcular se será na segunda,
Na terça ou na sexta ou talvez no domingo se fazer segunda-feira,

Pisamos no solo do tempo
Todo instante
Mesmo quando nossas luzes oscilam e apagam o tempo continua sendo tempo
Esperando algum dia alguém ser além do tempo e do espaço infinito



Testamento de um Poeta Doente

Estou escrevendo este poema
Meio em delírios
Sentado na beirada da cama,
Mergulhado em profunda nostalgia,

Estou escrevendo para ti,
Para tu saberes que
Viverei mesmo quando eu não respirar,
Que falarei ainda que a minha língua estiver cerrada

Estou enviando esse textozinho em versos
Com as mãos trémulas e os olhos amarelados de fogo,
Pois o sol hoje não brilhou e a lua não nos acompanha mais os
passos,
Mas o frio de congelar esbarrou a nossa pele,
A chuva desceu dos céus
A água correu pela ponte,
Eu vi e me molhei

Espero que receba essas estrofezinhas e as cole naquela página da
sua vida,
Entre o meio e o começo,
Onde nos conhecemos
Na noite de luar

Não sei que horas são,
Não tenho um relógio
Não me importa ter um
Quanto são hoje, não sei,
Sei que é um dia qualquer e,
Logo chega a noite

E se tu não me vires no sábado ou no domingo,
Não me procure entre a multidão,
Pois estarei olhando para ti de todos os cantos,
Estarei ao teu lado, no banco ao lado
E quando saíres estarei esperando por ti na chuva,
Nas poças de água
Te fazendo galopar nos caminhos de ir para casa

Estarei contigo
Entre teus lábios,
Em cada sorriso
Entre o deitar e se levantar,

Estarei na sua cama te abraçando

Enfim
Não achei fim,
Porém continuo escrevendo
Este textozinho
Que não terminou por aqui...

Antes do Adeus

Queria estar lá
E ver-te aos pulos de alegria
Em volta de seus amigos, familiares e conhecidos
Chorando de emoção,
Enquanto seu coração sensível pulsa rapidamente,

Antes do meu adeus
E tinha quase a certeza que estaria lá a com você frente a frente
Antes de me despedir de você com aquele beijo na testa

Queria eu que estivesse lá
Entre a lua e o sol,
Entre dois pontos brilhantes
Dançar ao som da música ocidental

Talvez eu esteja lá,
Sentado na cadeira branca vazia
Ouvindo você beber e sorrir

E de vezes em quando olhas para o vazio,
Na cadeira branca
Eu também te vejo,

Estou feliz por você
Estou vendo seu sorriso antigo entre os lábios,
Você está feliz

Então me vou embora,
Mas antes deixo essa cartinha cor-de-ameixa
Tem algo que talvez queira saber:

Nunca saí perto de ti
Mesmo quando morri
Sentei com você ao lado da minha urna, você lembra?

Enxuguei suas lágrimas com as tuas próprias mãos,
Você lembra?

Parecia que tinha algo a mais...
Quando você ia aos nossos lugares favoritos,
Você não queria lembrar, mas você ia mesmo sem querer

Era eu que puxava pelo seu braço,
Te levei ao cinema com o Pedro,

Fui eu,
Que te levou a esbarrar contra Alex
Você viu olhos dele
E ele os seus

Desculpa, mas fui eu que te fez apaixonar outra vez...

Sabe?
Aquele cadeira branca vazia em que você olhou em seu casamento?
Estive lá sentado,
Olhando para você no dia mais importante e feliz da sua vida,
Seu casamento com Alex

Chorei de saudade e emoção,
Mas as lágrimas não saem a um fantasma,

Aquele frescura como da brisa que sentiu em sua testa,
Lembra?
Era eu te dando o último beijo

Cansei de ser fantasma
E você voltou a ser feliz,
Isso é que importa.



Era para ser impossível

Era lado a lado como a direita e esquerda,
Distante e próximo como os olhos

Viajávamos à paixão sem limites,
Na borda do rio
Flutuando na brisa da paixão
Mergulhamos no rio do amor
Os seus cabelos molhados,
A água descia em seu rosto moreno

O sol se põe no horizonte,
A lua reaparece e
Ainda estamos lá
Casa velha desabrigada
O pilar branco e chão desgastado

As mãos estão entrelaçadas
Estamos voltando para casa
Pedrinhas no caminho
Equilíbrio perfeito e
Estamos noutro lado

Luzes incandescentes
Chegamos em sua casa
Beijo na testa e
Estou me despedindo

Foi legal sair com Você,
Você digitou
Também acho o mesmo de você
Eu respondo
Durma bem
Você também

É segunda-feira e
É Noite
Meu coração não sossega
São 9h da noite
Não consigo parar de olhar o seu portão
Quero ver seu vulto entre aqueles uniformes brancos

E lá está você!
Vamos para casa?
Vamos...

Fiquei com saudades,
Chorei durante uns segundos
Olhei por algumas horas sua foto
Reeli umas cem vezes aquela mensagem
" Te amo muito. Meu maior medo é te perder! "

Mas Aqui Estás tu,

Tenho um segredo:
Meu coração é maior...
" Eu sei eu sei, você tem coração de anjo. "
A caixa é pequena!

Não sei ao certo
Se é depois de hoje ou,
Na sexta-feira ou,
Nesse instante,
Mas eu vou morrer!
Sinto muito,

Amor, amor, amor
Três vezes amor
Na vida
Antes dela e
Amor no meu túmulo



Eutanásia

Sangue em toda parte
Gotinhas avermelhadas salpicadas na parede,
É o meu coração dando as últimas batidas,

As lágrimas tristes combinam com o meu choro convulsivo,
Aii
Aii
Quem morrerá comigo senão nós?
Eu e mais eu.

Desculpa mundo
Errei ter existido,
Ah

Se afaste, por favor!
Me deixa morrer da pior maneira
Não chore,
Só cuide do meu jardim,
Não deixe aquela rosa do centro definhar

Eu jamais mereci essa vida
Espero deixar-vos bem com a minha ida,
Essa angústia que comigo sempre lida
Oh céus!
Viva seu amor querida
Eu só queria... Mas meu coração...

Está sangrando
Não sou forte o bastante
Eu só queria... Deixa pra lá,
Estou morrendo

Nunca fiz amigos e
Eu mereço...

Sem lembranças,
Quem irá recordar-me, senão os vermes do meu cadáver?

Sem livros
Apenas novelas mal sequenciadas,
E versos brancos em delírios de quem nunca chegou a ser poeta,

Estou morrendo
As minhas mãos trémulas rabiscam no papel branco com meu próprio sangue,
Escrevo a minha canção pré-morte que jamais será interpretada,
Sem melodias e nem ritmo

O som da morte
Em harmonia com o som do coração,
Estou chorando enquanto isso
Depois sorrio para mim mesmo,
É uma lembrança vaga que veio à tona antes que eu morra,
Estou vendo eu oferecendo aquela barra de chocolate que sempre adorou,

E aquelas batatinhas fritas
Era eu você lado
Nas bordas do lago

Era eu e eles em gargalhadas
Rindo o que nunca chegou a ser graça,
E compartilhando o que nunca chegou a ser amizade,
Estou morrendo...

Aii
Desculpa mundo
Eu mereço
Eu mereço.

Todas nossas Nuances

" Eu sou péssimo. "

" Sim. Você é mesmo. "

" Eu concordo. E espero que suas palavras jamais passem. "

Hoje é um dia e eu estou nele,
Logo, logo a noite chega e eu estou nela,

O dia é macho e a noite é fêmea,
É o casal mais perfeito do universo
O dia tem o sol e a noite tem a lua,
E seus beijos só no eclipse

Querer se não fosse poder,
Jamais, seria um dos meus verbos preferidos,
Se não estivesse no futuro do conjuntivo,
Jamais se serviria dele

Queria que ela não chorasse,
Mas minhas ideias são sempre subordinadas,
Nunca saem da caverna

Sou péssimo como a tempestade,
Lento como a tartaruga
Em meu coração só amargura,
A frieza de um adolescente psicótico
E a sanidade de um velho com verrugas

Ou a tonalidade da pele
Padrão Inatingível que nos repele,
De dia e noite
O meridiano que nos separa,
Os paralelos que conservam a nossa distância,
Que jamais terá o odor da fragrância

É a nossa teoria da relatividade espacial,
Os argumentos no espaço-tempo,
A saudade voando na velocidade da luz,

Ninguém vê o interior que fica a bilhões de anos-luz
Senão o pequeno pontinho intermitente na superfície do judeu
Que julga seu bom samaritano,
Na órbita gravitacional de seu ego puritano

Afogo minhas mágoas nesses rabiscos,
Banho-me em sangue com os vermes
Recitando os poemas e as danças macabras da morte,
Aleluia, pois é um canto de alegria,

É lua cheia
E meu astral se levanta
A amargura na garganta
Sol, lua e chuva
Sol, lua e chuva
Sol, lua e chuva
Não resulta! Estou virando essa coisa!

Sou um monstro

Perdi o jogo

Sou péssimo

E já se foram dois:

Xxx e Pedro,

Filho...

Você teria um nome

Um seu e o meu sobrenome

Sou péssimo

E essa qualidade é meu único adjetivo,

Lunático é meu substantivo

O mais próprio para além de psicótico

Eu vou indo

Bem longe

Sou o lobo fora da alcateia,

O pequeno zangão fora da colmeia

Buscando o antónimo de mel

Vou saboreando apenas amarguras

Frutas e verduras

Jamais...

Foi mal mundo

Foi mal malta,

Foi mal garota

Sou um monstro à solta

És aqui no monte

Meu corpo crucificado na gólgota

Antes açoitado pela filosofia da empatia,
Da minha covardia

Bem longe...

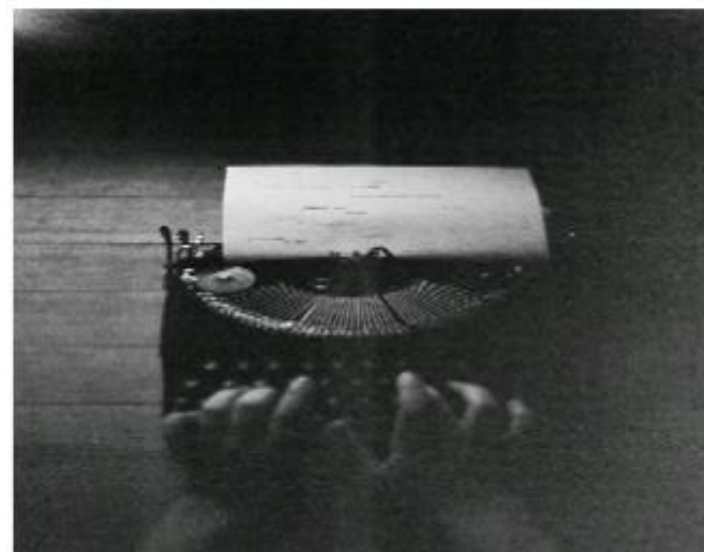
Estou envolto na solidão da solicitude,
E é suportável,
Criadora

Foi mal mundo

Foi mal malta

Foi mal garota

Vocês deram um passaporte a quem jamais saiu daqui.



Desprendimento

Sinto que ainda consegues me ouvir,
Sei que ainda estás aí

Entre venenos de cobras e lagartos
Admiro sua coragem,
Pois cortaste o cordão umbilical que nos ligava,
Separaste nossos corpos,
Causando dor e pranto na alma

Entre vários amores fictícios
Superaste o de Julieta a Romeu,
Não Morreste de amor,
Viveste de amor
Matando o sonho de uma gazela triste

Sei que ainda estás a seguir-me,
Nestes versos de lamento onde me encontro,
E por onde escrevo nossa aventura destemida como o amor de Jade
e Cobra;
Aqui está a nossa história íngreme nas linhas rectas do amor da
utopia,
Uma história cujo começo nem lembro
E o fim foi ontem à noite

E os meus amanhã?
Dependeram da minha vida hoje
Se eu não sobreviver
Amanhã não estarei mais...

Pois se nada houvesse, senão as ruínas do nosso amor
Não haveria presente algum

É inexplicável explicar o tempo
Mas sei que ainda me segues nesse instante,
Acompanhas cada verso com lágrimas rolando seu rosto,
Você está longe e me sente bem próximo,
Talvez porque me levou com você,
Se é que o coração não é traiçoeiro

Com todos sentimentos mais íntimos do universo,
Nada superou sua fúria,
O seu orgulho malicioso
Capaz de desaprender a simplicidade e a honestidade,
Aprendidas na orla do rio,
Na presença da brisa refrescante;
Nas travessas dos paralelos de ferro em meio aos muros e
pedrinhas

Ainda me acompanhas?
Ainda estás a ler?
Ou ignoraste logo de início?

O mundo sabia...
Eu sou uma fera tenebrosa em alma humana,

Mas nem eu conhecia aquele meu lado
Preso nas profundezas do meu âmago,
Aquele lado esquisito que
Segurou suas mãos grossas
E acariciou seus cabelos curtos;
E que cantou para você e com você num tom angelical
E que chorava como gazela

É preciso escolher
E você fez a sua escolha perfeita,
Desamarrou-se de mim e de meus demónios,
Foi sua escolha cuspir na minha cara
Ir-se sem olhar para atrás a pedra salgada estatuada,

E se estou paralisado,
A minha história é incompleta
Como será também se eu continuar sem você ao meu lado,
Mas você matou-me da pior forma
Que não poderei ressuscitar,
Nem ser fantasma
Que fiquei sem saber se era mesmo o sal da sua vida ou açúcar



Holocausto

Hoje estou oferecendo minha vida num holocausto
Estou me entregando como uma oferenda à sacrifício da minha
própria morte,

As minhas desculpas
Os meus momentos depressivos,
Serão consumidos pelo fogo,

Não porque cansei de viver,
Não porque não aguento mais,
Não porque não consigo amá-la
E sim porque jamais lembrei ter sofrido antes de nascer
E tenho a nítida impressão que Jamais sofrerei depois de morrer
como Tchecov

Os meus delírios,
As minhas paixões ensanguentadas de amor,
Dançando a música macabra da morte hoje se consumam,

Estou me despedindo em versos
Pois a última coisa que jamais fui é ser um Poeta,

E as noites de nostalgias
Que sempre estavam sentadas na beirada da minha cama,
Me tornando homem
Hoje estão consumadas

A vida é um sopro
Que se propaga sem fronteiras,
Depois de as velas se apagarem
Tudo que sobra é o fumo flutuante
Se esgueirando pelos ares
Dizendo adeus para todo mundo

Que suas lágrimas jamais rolem
Seus rostos pelo meu passamento,
Que suas declarações jamais escapem de seus lábios nesse dia
Que suas memórias guardem meus gritos ensurdecadores no meio
da noite,
Chorando por amor
E implorando por morrer
Na minha cápsula solitária

Estou afogando todas minhas mágoas
Todos meus desaforos,
As minhas perdas e
Nenhuma conquista,
As minhas tristezas e,
Nenhum sorriso

Adeus existência
Adeus viver
Pois vocês são antes de mim e
Depois de mim,

Que fui um pequeno instante entre o ontem e o amanhã
Que é o hoje de ontem e o amanhã de hoje
Correndo no espaço-tempo infinito,
Encontrando mortes em cada final
E nascimento em cada começar

Pesadelo do qual tento despertar

Estou ardendo em chamas
O meu coração aperta
A dor me chama
Para dançar ao som do choro convulsivo,

As mágoas me acompanham
Como o luar segue meus passos noctívagos,

Selvagem,
Maravilhoso,
E perfeitamente em evolução,
Sou a confusão do meu próprio mundo,

Os meus olhos são da cor de sangue,
Cheiro à morte tenebrosa
E esse é apenas um intervalo,
Um instante em que a morte faz sua digestão,
Logo serei eu
Eu em primeira pessoa,
Porém em dois números
Eu e eu,
O nós da dualidade da vida,
Que é a infinitude bipolar dos contrários,

O medo me cercou desde minha existência,
Nada me conforta,
Senão o sempre estive com você,

O sempre está comigo
E o sempre estará comigo,

Queria ser alguém,
Mas eu sou ninguém
Ninguém como o nada
E talvez isso não convém,
Mas entre ser e não ser
Há sempre o ser que nunca se foi,
A vida que nunca se sonhou
E a ambiguidade que nunca se imaginou

Em cada letra de uma canção,
Há uma melodia bem triste
Como a ave sem asas para voar,
E há também um ritmo alegre
Que cuja as batidas coincide com as do coração,

Meu almejar é despertar
Deste sono,
Mas essa vida abrange um sonho,
E as vezes morremos nestes
E com eles as expectativas do ser que queria ser alguém,
E nada foi senão ninguém
Porque a vida já não é a mesma
E os sonhos são apenas eróticos

Meu alvejar é encontrar a saída do labirinto onde nos perdemos
outrora,
É encontrar o orifício e se achar do escuro

Caminhar na luz e se perder nas risadas,
E se achar outra vez,
Em abraços e prantos que vida nos der;
Perder-se na morte, desaparecer nas vistas e reaparecer na
consciência,
No coração,
Na oração e nas risadas dos meus irmãos que ainda respiram.



Entre Estrelas e Pirlampos eu sou o Lunático

Pontinhos reluzentes,
Pregados no firmamento observam minhas andanças,
Luzindo, ora cintilante
Ora com intermitências
De lá do firmamento

A brisa impalpável noucauteia minhas faces
E eleva meus pensamentos desvairados ao espaço,
Onde a onda gravitacional me concede lugar
E o tempo espera por mim

Andarilho eu sou,
Na terra do nunca
No deserto do nada,
No labirinto da morte onde o dragão cujo meu rosto queimou,
Se guarda e aguarda qualquer peregrino

Pontinhos reluzentes
Suspensos no ar em noites que a lua não brilha,
Suas luzes intermitentes oscilam de cima para baixo movendo-se
Alumiam a minha vereda

Noctívagueando nos caminhos
Desconhecidos,
Busco pelo desconhecido tentando encontrar o que não é conhecido,
Simplesmente o desconhecido

Créditos Índice Capa

Não faz sentido perambulando sem sentido,
Em meio entre espaço e tempo com pensamentos desvairados,

A minha vida é um monólogo,
Porém vivo como um solilóquio
Falando de mim para mim
Os meus pensamentos mais íntimos, até aos mais tolos e doentios,
Sou o pior egoísta da noite,
E a noite é só minha
Por isso que vocês adormecem nela,
Ninguém sabe a respeito de mim mesmo,
Senão nós mesmo
Eu e a minha dualidade hipócrita que se revela ao dia.

Palavras ensanguentadas de um louco

Estou entre o que sou e o que deveria ser,
Um paranóico perseguido pelos delírios da alucinação,
Lágrimas de carvão percorrem as minhas faces de papel,
O borrão negro em cada extremidade forma dois paralelos íngremes,

Entre os paralelos eu me encontro e me perco
Em um espaço branco de infinitos pontos,
Não há história que não se apague,
Porém as escritas a lápis desaparecem com facilidade,
Sou Van Gogh em minha alucinação,
Escrevo a sangue frio as minhas aventuras entre os paralelos,
Entre o que sou e o que deveria ser

Escrevo a vermelho com uma pitada de azul solitário,
No espaço branco da paz,
entre os paralelos negros da morte

Uma história triste de se contar e fácil de apagar,
Já renunciei a minha existência
Neguei a mim mesmo em todos aspectos,
Degolei minha cabeça milhares de vezes em busca da morte e em
troca da minha existência

Entre o que sou e o que deveria ser
Sou o lunático do amor de palavras,
Escritas a lápis e apagadas à borracha
Mas em minha alucinação sou uma caveira
Que representa a vida e fatalidade da morte em simultâneo

Sou a palavra mal pronunciada nos lábios da gazela
Sou a declaração de amor em carne e delírios
Sou a história da história reescrita entre os paralelos negros,
No branco do papel a vermelho de sangue e de azul solitário.



A Novela da Chuva

Céu nublado,
Anjos negros voam pelo vasto céu
Com suas asas negras chilreando suas canções

A brisa refrescante esbarra a face da mocinha absorta,
que contempla o estado atmosférico do parapeito

O clima humedecido trazia ao olfacto o cheiro d'água,

Um relâmpago e um trovão,
E logo depois, a água já descia dos céus
Os anjos negros voltavam a seus abrigos,
As águas clara e fresca acariciavam suavemente os vidros da janela,

Na rua as poças de água se formavam,
Gente apressada corria de lá para cá e de cá para lá

Os miúdos corriam pisando nas poças de água
Sorriam para os céus
Pela chuva de Deus
Sem medo de se molhar, os garotos dançavam por baixo da chuva e
por cima da água,
Cantavam...

Um episódio insólito e único,
Que deixou a cidade inóspita para os adultos
E para as crianças o verdadeiro lar,

Chuva de água clara e fresca
Que faz a flora florescer,
Chuva serena dos amantes que anseiam tocar-se
Cais ao chão humildade lavando a terra,
Sem sequer se importar com a queda



Dilema entre sexo oposto

Confiar a quem
Se a vida nos traiu com a morte macabra
E o amor da utopia com o ódio voraz do feminismo equilibrista

Confessar minhas mágoas a quem,
Se cada palavra dita entre teus lábios são barbaridades hipócritas,
As minhas chagas internas jamais se fecharão,

Por quê perdoar,
Se seu espírito competitivo e igualador vem em primeiro
O seu desejo ardente de pagar com a face da mesma moeda

Por quê te aceitar
Se te apegas a qualquer um só para tapar meu vazio

Se faço falta?
Porquê faria, se cada um pode se encaixar no meu triste papel
Qualquer um pode receber meu carinho,
Acariciar minha cama e dormir nela

Não faço falta nenhuma
Não sou amor nenhum
Não tive amor em circunstância alguma

Como pode dizer que era seu orgulho?
Se você agiu em seu próprio juízo,
Ah!

Decepção é o açúcar da depressão,
E meu leite tem o sabor a mel...



Intermitências da morte

Entre o deitar e o levantar,
Eu sou a sombra presa na penumbra
Sou o bisturi pronto a rasgar o corpo inocente

Sou a fatalidade que traz o dissabor à vida,
Sou o inverso de viver e,
O contrário da luz
Sou às trevas do abismo

Sou tão comum,
Estou tão presente nos vossos dias
Como um presente ofereço-me,
A cada um, aleatoriamente

Estou acordada há séculos,
Fazendo dormir almas é minha finalidade
Sou psicótica,
Tenho insónia e,
Meu maior desejo é fazer dormir os que não dormem,
Tenho muita gente, cá comigo
Tenho animais de todas as espécies

Levei a mim mesmo,
Quando me suicidei
E agora levo a todos sem dó,
Apenas por uma natureza não totalmente natural,

Perversa e inútil!
É assim que devem me chamar...

Sou um fenómeno bem comum,
Tão comum que ninguém se acostuma,
Sou o espanto e tristeza medonha
Dos seres,
O pranto e a cólera dos homens

Entre o ser e o não ser,
Eu nunca fui,
Eu o sou
Só isso
E nunca serei...
Pois um dia...
Um dia
Um dia
Deixarei de ser morte!

Memórias de uma consciência em prantos

Olhos inundados,
Você está chorando

Era uma vez e uma vez era,
Nossos sonhos,
Nossos momentos
As nossas fugas nas noites de luar
Os passeios lúdicos

Ah

Estava pré-destinado?
Era suposto eu te encontrar?

...

E o que você fez?
Porquê fez?

Na orla da cama,
Sentaste, tu e a nostalgia,
A história é um truque de magia,
Sim, a magia do tempo

É contagiante o pranto que te possui,
A água que de ti caí,
Rola percorrendo os caminhos trilhados outrora,
Apagando a luz da aurora

Queria que não chorasse,
Mas queria é um verbo no pretérito,

Queria que não chorasse,
Mas queria é um verbo no pretérito,
E um desejo duvidoso,
Pois você está chorando
E sem parar porque é no gerúndio

As palavras e o choro se perderam,
No labirinto do tempo
O ontem e o depois,

Uma ideia de continuidade,
Mas meus versos são soltos e,
Sem estética,
As rimas não rimam

E essas lágrimas que te saiem,
Não as limpe
Pois rios de verdade não são intermitentes,

Literalmente toda figura de linguagem é uma linguagem,
Literalmente,

É uma renúncia impossível,
Abdicar o choro,
Se ainda temos os pés no chão
E a cabeça pensante nas nuvens,

Chora, chora,
Noite e dia,
Não há sentido nenhum na vida
Os sentimentos são partes da alma imortal,
E a imortalidade é o processo de ressurreição a cada dia,
Emergir a cada afogamento

Buscar um sentido
É perder um sentido,
E tu perdeste os sentidos
Buscar o sentido tem sido o teu sentido,
Uma viagem ao desconhecido
E sem sentido nenhum

Por isso chora, chora
Noite e dia,
Na beirada da cama
Eu e a minha consciência perdida



Advérbio de Tempo

Quando eu morrer,
Não chore...
Jamais ligou para mim
Enquanto vivia

Quando não estiver mais aqui,
Não se lembre,
Esqueça!

Já que fui um mero indivíduo sem identidade,
Mesmo que o grito carpideiro de minha mãe,
Te tocar a alma...
Não chore,
Quando eu partir...

Ainda que não resistires é falso,
Seu choro pois,
Enquanto vivia você matava minha vida aos poucos,

Foi ontem que ainda sorri para você!
O meu sorriso...
No ano anterior que me apaixonei por você...
Sonhei com a vida feliz,
Era um homem feliz...

Naquela manhã de frio!
No Domingo...
Senti o seu amor em delírios!...

Foi o não da sua boca,
A demora de sua decisão em meu pedido...
A depressão me corroeu...
O tempo passou,

Finalmente você pensou!
Você decidiu ficar comigo...
Então correu para os braços do destino,
Eu jazia no túmulo da solidão eterna,
A morte,
Eu morri,
Estou morto!

Mas não chore... Você teve seu tempo,
Faça-me um favor:
— Descansa em paz!
É tudo que quero que me digas.

Astro do dia

Quando vejo sua claridade,
No preâmbulo do dia,
A aurora que se abre no horizonte,
Junto aos vales e montes...


Seu brilho incandescente,
Se espalha no vasto céu,
E aos poucos atinges o apogeu,
No verão és o presente,
Ficas no centro do zénite,

O Rei dos astros,
Aonde a terra orbita como um átomo,
O seu luzir resplandece a terra,
Penetras as entranhas dos vegetais
E produzes a fotossíntese
E em síntese,

És o sol,
O sol de soldado nas batalhas,
O sol de solidariedade entre os povos,
O sol de solidão aos deprimentes,
O sol de sólido onde encontramos equilíbrio,

Enfim és o sol solene que respeitamos...

És sol que nasce e cresce,
Como todos seres morres,
Porém um pouquinho diferente,
Tu morres no oeste!



Hercúlea

Sua força descomunal,
Trespassei minhas entranhas
Com a seta

Meu abdómen rasgou-se,
O jacto de sangue salpicou
A parede

O ferimento era mortal,
Mas sua força é descomunal...

Com o sorriso peculiar,
Chamou-me a atenção à beira da morte,
Ouvi seu chamado,
Na voz audível de sua garganta

As mãos fortes e macias,
Costuraram a ruptura em mim,
O sangue parou...

A morte que é larápia,
Meteu-se em fuga
E abrigou-se num tugúrio,
Onde o casal de idosos aguardavam-na...

Porém eu vivi,
Acordei da morte,
Que matava em seu calabouço,
Onde morrer era objectivo central

Mas eu vivi,
E vivo!
Como as águas do rio,
Estou vivo
E rio,

Não de alegria,
E sim da fatalidade da morte,
E da força do destino,
Que me arrastou até em seus braços...



Queria que não chorasse I

Já me deu tantas alegrias,
O seu rostinho alegre,

As coisinhas as vezes só não dão,
Mas a lei de retorno às trás de volta,
Então não chore mais,
Seja tu a prioridade,
Da tua própria propriedade,
A tua vida

Sou infeliz por ter de desligar fisicamente de mim,
Mas feliz por saber que emocional e virtualmente estamos ligados,
A conexão

Não guardarei jamais ressentimento,
Você é humana,
E forte como Herculana,

Use essa força incrível,
Saia desse calabouço,
Venha ver o que está aqui fora...
Estou esperando você com um buquê de rosas,

Não perca seu tempo desfalecendo numa cama,
Levanta-te!
Enxuga essa água que cai-te dos olhos,

Vem olha para mim,
Recite poemas, diga que,
Que me ama!
Que quer ter uma ama,
Ou Aia

Então não perca tempo chorando,
Levanta-te!
Que eu estarei Aqui por você.

Queria que não chorasse II

...Nunca!
Pelomenos ao meu lado,
Queria incondicionalmente que essas lágrimas não te caíssem dos
olhos,
Me sinto fracassado,
Ainda consigo sentir a presença
A presença de presentes na mesa,

Bolos e chocolates,
Caramelos e biscoitos,
Mas nenhum grito de alegria!

— Nunca!
Pelomenos ao meu lado,
Queria te abster da nostalgia contagiante,
Do pranto melancólico,
Do rosto pálido e dos olhos húmidos

E ainda assim consigo,
Me sentir contigo,
Como naquela vez na noite de verão,
Na barraca

Queria que fosse sem lágrimas,
Mas as lágrimas caíram,
E não eram de crocodilos
Eram de cordeiro

E eu queria que fosse sem lágrimas,
Mas eu às derramei primeiro,
Sim...
Quando me disse em primeiro,
Que me amava,
E amava desde muito cedo
Que chorou muito por não saber exteriorizar...

Eu as derramei primeiro,
Quando despertei então,
Da minha cegueira de toupeira,

E Tu desde então choras,
Porque...
Ninguém vai entender,
Mas é porque você me viu chorando também,

E hoje é teu aniversário,
Bolos e caramelos,
Chocolates e biscoitos
Camisetas e rosas,
Tudo sob à mesa

E ninguém aí para pegar o meu papel,
Executar o meu personagem,
Como outrora...
Eu dançando a música da Kally,
E Tu seguindo os meus passos,

E de repente eu parava e,
— Te amo!
Feliz aniversário meu amor,

E eu queria que fosse sem lágrimas,
Mas eu às derramei primeiro,
Sim...
Quando me disse em primeiro,
Que me amava,
E amava desde muito cedo
Que chorou muito por não saber exteriorizar...

Eu as derramei primeiro,
Quando despertei então,
Da minha cegueira de toupeira,

E Tu desde então choras,
Porque...
Ninguém vai entender,
Mas é porque você me viu chorando também,

E hoje é teu aniversário,
Bolos e caramelos,
Chocolates e biscoitos
Camisetas e rosas,
Tudo sob à mesa

E ninguém aí para pegar o meu papel,
Executar o meu personagem,
Como outrora...
Eu dançando a música da Kally,
E Tu seguindo os meus passos,

E de repente eu parava e,
- Te amo!
Feliz aniversário meu amor,

E você hoje chora,
Chora porque me mudei para longe,
Numa sepultura,
Um túmulo à sul escrito,
Morreu à 17-07-201?

Hipócrita

Não sou ninguém,
Além de ser humano

O ciclo da nossa amizade é grande,
Fico perplexo com as vossas ideias,
Parece que querem o meu melhor...

Mas aí eu pego algo legal...
Seus egos se erguem,
Insinuam o errado
Orientam caminhos amarrados

Mostram o que já viram
Sugerem o que já desejavam

Ah

Se ao menos visse o coração de vocês?
Que fiz de errado?

Será que esse orgulho de superar todos te alimenta?
O sadismo de tu pisares por cima de todos nós te corrói?
Ouh céus!

Justamente eu e ele?
A quanto tempo vem fazendo isso?

Tudo que é oculto,
Também é visível,
Porém basta enxergar com os olhos da verdade,

E hoje influencio com verdade,
Vejo a verdade,
Sei de suas trapaças...

Você foi um hipócrita de longa data.



Andarilhos

Passos curtos e relaxados,
Ora vacilantes, ora não
Mãos agarrando o celular
Os olhos enxergam o mundo inteiro,

O som vem do aparelho,
As estrelas brilham sem a lua no centro,

O sorriso de zoeira se abre entre os lábios
Uma piada à solta

Um passo, dois passos... E mais uma piada,
E os joelhos se afrouxam,
Ria-se do mundo,
Da brevidade da vida
E da felicidade descoberta nos pequenos detalhes,

A fatalidade da morte,
E o milagre de viver...
Andarilhos no tempo,
Sem cronómetro,
O tempo nos leva à borda,
Deslizando na linha ferroviária da vida,

As réstias de luzes,
Trazem à tona o pequeno lago à nossa frente,
As intermitentes luzes dos pirilampos,
Coloriam a noite
O cantar dos grilos cortavam o silêncio da botânica em nossa volta,

Três mundos contemplavam um mistério,
Um mistério se deixava contemplar por três olhos,
A misteriosa vida,
Nos deixava vive-la à custo nenhum,

Rimos da razão
E brigamos com a lógica no meio do percurso,
Quebramos as regras, mas aceitamos a voz do íntimo,

Nos apartamos da ética social,
Abanamos nossas cabeças ao sarcástico costume dos homens,
Enfim demos de costas,
Olhávamos em outra direcção

Um, dois e três!
Voamos num compasso ternário,
E cantamos a canção da liberdade.

Isto não é um poema de amor, é sobre viver

Ser ou não ser,
Não é só a questão
A questão também é
O que somos?

Sou humano, somos humanos
E que fazemos?
Vivemos...

A nossa existência não só começa na concepção,
Na união de dois gâmetas

A existência começa no pensamento,
A ideia de existência nasce do pensamento gestado

Por isso existimos,
Porque há pensamento em nós

E os animais e plantas?
Se eu disser que não existem seria um equívoco...
Mas onde está os seus pensamentos?

Meu cachorro chama-se Ross,
E quando chamado pelo nome,
Vem a correr...

Será que pensa?
Sim. Mas não raciocina.

Nós os seres vivos somos movidos pelo pensamento,
Mas só os homens têm o livre-arbitrio

Penso livremente que existo e,
Logo existo
Sonho que estou em Marte e,
Logo estou em Marte

É uma questão de dentro e fora,
O pensamento vem da alma
A alma é a razão
E a razão não falha

Penso na existência com a razão
Mas não basta só existir,
Porque muitos existem por aí...

Precisamos nos mover,
Temos um espaço e um tempo que não nos espera,
Então Acção!

Sejamos homens de acção,
Homens fora do vulgar
Homens que conhecem a diferença entre Moral e Política,
Não há diferença!

As normas não podem nos guiar,
Cada tem seu volante,
O seu juízo,
Que o conduz

Então o que precisamos?
Viver!
E parar de sobreviver!
Precisamos de uma folga,
Passear e andar a beira mar
E ao anoitecer olhar nas estrelas e admirar a realidade reflectida na
brevidade da vida

A realidade separada da ficção do sistema,
Do mundo ilusório do homem vulgar

Perceber que o mágico,
Cria ilusões com magias para persuadir
E que a ilusão não corresponde com o real
Mesmo quando a vemos

Então cortemos os sentidos
Fechemos os olhos para o mundo,
Tapemos os narizes, pois aqui só cheira a petróleo

E em vez disso fazemos tudo com consciência.



Comum

Sei que sempre fui exceção,
Que sempre sou o mesmo
Que comigo as coisas se repetem

A nível físico
Sei que meu aspecto não vai de encontro com os padrões da
estética e,
E da ditadura da beleza

Meu cabelo curto,
Meus olhos castanhos
Minha pele negra
O nariz achatado

Eis o meu retrato de imperfeições,

Nada há de belo e Sublime em mim,
As roupas são sempre as mesmas
Aquela calça jeans
E a camisa sem marca

O rosto arqueado
E nunca passei maquilhagem

Sempre vamos a mesmo lugar
A nossa rotina é a mesma
Atravessamos rios doces

Passamos para o outro lado da margem
E remamos com os pés até ao pequeno tugúrio,
Cujo topo é nossa zona de estar...

Ah!

Queria não estar consciente
Porém é o real
Não há como fugir...
Mas também me cansei em ser eu mesmo,

Aliás ser eu mesmo nunca funcionou direitinho
Há sempre uma versão pro
De nós mesmos

Mas é a realidade
E as ficções se esgueiram apenas na minha cabeça.

Era uma vez

Ufah!
Caminhos trilhados,
Metas traçadas sob a base do nosso amor

Risadas e gargalhadas
Choros convulsivos nos momentos de nostalgia
Tínhamos uma forte analogia
Sim em tudo e todas as coisas...

Também nas nossas diferenças indiferentes,

Ainda é hoje e,
Estou me preparando,
Pois sei que amanhã será uma vez

Uma vez inesquecível
Como o aniversário sem velas e nem bolos
Tão inesquecível como as trepadas nas travessas e nos muros da
linha da vida
Sim
Tão inesquecível como o beijo na varanda,
Como o passeio noturno iluminados com a luz prateada do luar,

E ainda é hoje e,
Estou me preparando,
Pois amanhã será uma vez

Uma vez de orgulho e paixão
Uma vez de amor intenso
Uma vez cheias de memórias fotografadas pela nossa consciência

Será uma vez na vida
Uma vez na nossa história,
Que está acabando
Eu vejo as letras...

E hoje é ontem,
Eu apenas estou apenas relendo os meus poemas!

Viver é um jogo mortal

É preciso aceitar,
Que não somos no infinitivo,
Como o (verbo) ser

Somos mortais, até aos ossos,
O destino é o horizonte inalcançável,
O nosso futuro

Nunca seremos...
Apenas fomos, isto é, ontem
Hoje é diversificado,
Uns são e outros deixam de ser,
Uma luz acende e outra apaga

Como as ondas oscilantes do mar,
No seu vaivém trazendo o maior dos marinhos à beira,
Assim também as ondas sonoras,
A quilómetros de distância nos trazem,
O som mais triste e tenebroso,
O som da morte,
O grito carpideiro
— Você aceita?

Não!

Aceitamos o aceitável e,
A morte é o extremo oposto da vida,
Morremos contra a nossa vontade de viver

Morremos arrependidos ou não,
E a morte sequer sabe disso
Morremos...
E assim um dia fomos,
Fomos para nunca mais ser de novo,

É preciso não ser para se rir da morte e nunca saborear a vida,
Há um espaço entre as linhas do tempo,
Onde somos átomos

É aí onde seremos um dia,
Tudo isso no mundo de Sofia.



Solidão em solidão

O que adianta sorrir para ti e para o mundo,
Se os crocodilos já o fazem

Se a minha dor fosse compreendida,
Eu seria a tristeza mais triste de se estudar
Os psicólogos entrariam em nostalgia,
E assim não haveria especialistas
Porém, a minha dor só eu a sinto

A dor é uma vida que anseia respirar em um corpo açoitado,
Ser sentida é uma das suas grandes finalidades,

Se teus olhos vissem as minhas entranhas,
Os recônditos além do meu corpo abatido
Valorizarias os meus pequenos feitos,
Os meus mais simples e sinceros actos

A minha dor é profunda como os precipícios do abismo,
As minhas chagas abertas são como terremotos,
Engolindo a minha auto-estima,
E todo orgulho

Estou vendo seu rosto,
Consigo ouvir a sua voz mal disposta,
O seu aspecto aborrecido

Sou mais um doente não correspondido pela epidemia do amor e da
paixão adolescente,
Morri no anseio a reciprocidade

As minhas lágrimas desaguam no logo do esquecimento e da
ignorância da vaidade feminina,
As minhas melhores cantadas foram rejeitadas pelo capricho
feminino,

O mundo me liga ao mundo,
A tua compaixão sarcástica me liga a ti,
E a ironia da sociedade me liga ao resto do mundo,
Essa é a nossa sintonia

A solidão em sua própria solidão
A solidão da companhia que não nos quer,
A solidão de falar sem ser ouvido
A solidão de ouvir e ver o coração partir-se
A solidão do amor de brincadeira nas telas dos nossos telefones,
A solidão da solidão de estar com você e você não ser você mesmo,
A solidão da omnipresença do Pai,
E ainda assim sentir a ausência

De que adianta sorrir para ti e para o mundo,
Se os crocodilos já o fazem

Chorar?
Os crocodilos o fazem melhor que qualquer um

Então estarei além das lágrimas da ironia,
Bem longe do sorriso sarcástico
Estarei além das estrelas e além do tempo,
Onde não vejo a hora, nem dia
Apenas o sol e a lua se beijando,

Onde o choro é riso e as lágrimas o líquido mais raro

Estarei entre as linhas deste livro aberto
Que é a nossa história
Onde somos personagens vestidos de preto se esgueirando num
espaço inteiramente em branco.



Matem-me e o mundo será melhor

Sou um verme invertebrado,
Sem sequer um prestígio
Sou um ser parasita

Sou uma peste em carne de homem,
Sou degolado a cada premida no frasco de insecticida,
É um cheiro insuportável, o da morte

Tenho o cutelo e a corda repousadas na mesa,
Quero sentir a pior dor do mundo
E já a sinto,
Talvez queira sentir os dois golpes
Então perfurem meu corpo com a faca mortal,
Trespassem minhas entranhas com a lança do inferno,
Enforquem meu pescoço curto com o meu intestino
Salpiquem as paredes das ruas com o meu sangue,
Façam pinturas surreais

Sou um verme
Sirvo para morrer
Comam meu corpo invertebrado,
Abram minhas camadas e façam nelas chagas profundas

Crucifiquem minha alma e meu corpo,
Rasguem-me as roupas e,
Exponham meu corpo deformado

Quero morrer da pior forma,
Se for do vosso agrado também queimem meu corpo, junto com
meus poemas
Sou um péssimo poeta,
E um escritor que não sabe ler,
Por isso que escrevo o ilegível

Joguem para fora meus manuscritos,
Rasguem a página 70 do meu livro,
Onde escrevi sobre a felicidade,
Porém é uma utopia do futuro desconhecido,

Quero morrer,
E morrerei sem enterrar o corpo,
Pois corvos e vermes alimentar-se-ão das minhas carnes

Sou um homem cruel e depressivo,
Meus antidepressivos são auto-torturas,
De vez em quando corto meu pulso para matar o anseio de ver o
sangue,

Matem-me de uma vez por todas,
Eu suplico

Esse sou eu e a minha vida,
Não é um poema
É a minha vida de verdade
Não acredita?

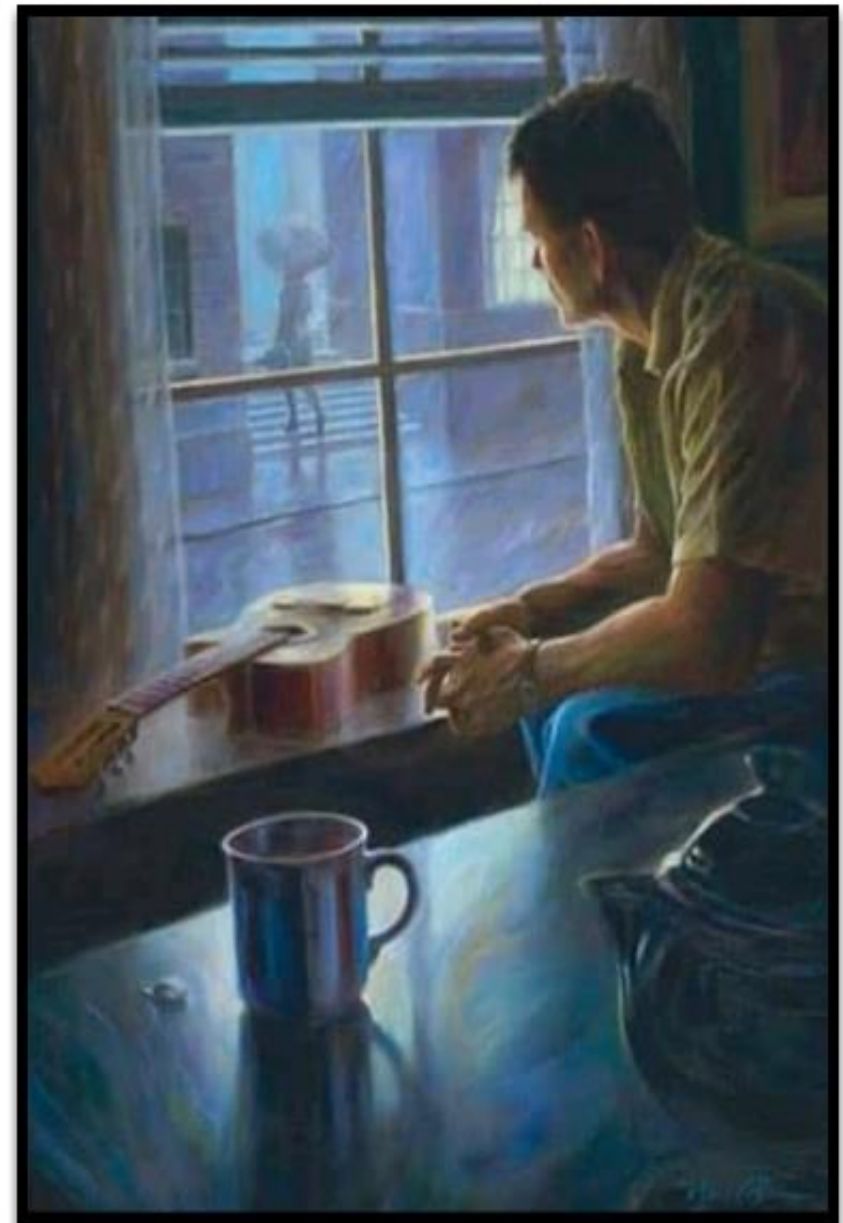
Um segredo!
Tenho uma linda mulher, cuja pele é lisa e negra.

Agora acredita?
Pois bem,
Mesmo assim quero morrer
Tenho dez mais nove,
Mas mesmo assim quero morrer
Tão cedo como uma mosca
Queria que meu ciclo de vida fosse de 24h,

Talvez o é,
Porém venho tentando a morrer desde os dez mais sete,

Por isso lhes peço matem-me a mim,
E a minha linda mulher Viverá na paz
Matem a mim mesmo pois serei pó e esquecido no tempo

Entrego-vos a minha vida,
Óh céus!
Matem-na
Quero morrer e esse é meu último desejo...
Talvez o penúltimo, pois por último,
Desejo paz e saúde e que mundo volte a ser um paraíso para vocês
que ficaram,
Adeus!



Versos de um Escravo Moribundo

E o mundo é assim mesmo,
As pessoas são as mesmas,
Todas fazendo o jogo do xadrez

Um passo aqui,
Um passo acolá
Um cavalo movido pelo seu cavaleiro,

A verdade é um puzzle com a figura surreal do abismo,
Cada um Enxerga por cada pedaço que tem,

Preto e branco são os pontos em que nos movemos,
O cavaleiro foi morto,
Então a sua alma galopa pelos azulejos pretos e brancos...
Um cavaleiro fantasma

Os passos são como galopas,
Cada salto bem feito,
Uma conquista
E uma queda fatal a cada salto aterriçado no quadrado preto,

Ninguém faz um xeque-mate
Todos morremos no sonho de tentar,
O topo nos vê de cima e,
Debaixo o vemos em cima

E tudo isso é dentro do mundo,
Um mundo íngreme e comprido como o Everest da Ásia,
Somos alpinistas amadores,
Jamais pisaremos o topo,
O sopé da montanha é na nossa pirâmide,
A base das necessidades básicas,
As fisiológicas

E é cá que todos nadamos,
No mar superficial de ilusões,
O conformismo é a nossa morada
Vivemos cá há séculos,
Uma cidade das sombras,
Onde as luzes artificiais acendem desde a criação,
E os motores estão velhos
E as luzes oscilam
E o povo está cada vez mais assombrado

É o nosso mundo,
A nossa casa

E ainda assim temos um líder,
Sim um líder, até nas sombras,
Ele diz o que cada um faz
E assim fazemos

E o topo?
É uma utopia...

Como diz o ditado " há uma luz no fim do túnel"
Mas cá parece que os provérbios são equívocos...

À nossa crença é aos capitais,
E os antigos dizem que o Sistema está avariado...
E as luzes apagam,
Não conhecemos a chuva,
Nem o sol
Nem o amor
Nem a honestidade
Tudo o que não tem preço

Compramos tudo por aqui,
Até nossa vida é comprada no hall dos Senhores
E sobrevivemos com o ordenado de merda,
Comemos pedras e cagamos nosso próprio intestino,
E assim morremos de disenteria,

Uma terrível doença que ceifou nossos ancestrais,
E leva-nos também com o seu fluir fecal,
E assim fluímos também
Tudo flui e tudo fluirá,
Somos transportados pelo fluído
E assim morremos afogados
Como na era de Noé
E só alguns poucos escolhidos se salvam
E vivem a utopia
E usam a coroa da nossa base no topo,

E essa é outra reencarnação
O século XXII
Aqui não há alma viva
A utopia bateu contra a realidade
E o Sistema foi reiniciado,

O mundo é sem forma ainda e a terra está vazia,
Os dias começam amanhã e logo acordaremos deste terrível sono.



Abstenção

Não

Os meus ombros caídos
O meu rosto pálido
A renúncia impossível dos nossos avós,
É agora nossa

A miséria açoita nosso corpo despido,
O líquido avermelhado salpica por terra
Fazendo uma textura surreal

Não

Somos humanos...
Foi o que nos disseram na escola,
Nossa condição é errar sem cessar
Somos negros de sangue vermelho escuro

Deixem-nos ir embora,
A natureza é nosso habitat
Libertem-nos

Já morremos o suficiente,
Morremos outrora na esperança da vossa chegada,
Morremos na véspera em que o deus de vocês matou o nosso
Nzambi,
Morremos por ser humanos desumanos de pele negra

Não

Deixem-nos falar a nossa língua,
A nossa renúncia é pela liberdade
Queremos ser nós



Recônditos da consciência suicida do Solitário

Sentado absorto,
Na beirada da cama
Quem garante que já não penso em ti?

Entre romances e delírios,
Eu sou uma elipse
A omissão de nossos factos
O equívoco da não-verdade dos boatos

Uma corda amarrada no tecto,
Espera por mim, balançando
Matarei meu corpo imundo
E deixarei galopar minha alma neste mundo,
Sintam-se servidos,
Eis o corpo Moribundo

Antes de você não conhecia o suicídio,
Desde então, tragam-mo pior dos venenos,
Com o gosto da bÍlis podre

Se eu morrer, talvez esqueça,
É inevitável,
Porém a memória é um dos veículos mais modernos,
Você não as conduz
Elas vêm e vão, até ao seu último suspiro,

O meu rosto descansa na minha palma,
A temperatura me sobe
A minha febre é mortÍfera

Porém, quem garante que não penso em ti?
Nem eu, nem você,
Só a consciência



Um conto de Elegia

Matem-me o corpo,
Pois eu já morri psicologicamente
Em meus delírios,
Plantem espinhos ao invés de lírios,
Na minha tumba

A minha história é triste
É tão triste como o brado da gazela abatida,
O sangue cai por terra
E o animal clama por dois motivos,
Pela vida e pela morte

Alguém o ajude ou que morra, logo
O caçador se aproxima,
E o animal ainda se rasteja com suas entranhas por fora,

O animal aflito clama e,
Então deixa-se escapar uma lágrima de morte,
Era o choro da sua própria morte

O caçador se aproxima
E mais uma seta
E esta atravessa-lhe a garganta,
Um brado rouco ressoou
E o animal cai por terra
E deixou-se ser alimento

Comam a minha carne,
Óh, corvos da morte
Arrancam-me as pernas curtas,
Trespassem o meu corpo fora de padrão,
Enforquem a minha anatomia distorcida,
Na minha biologia que pouco evoluiu,
Comam a minha carne,
Eu quero ser alimento



Complexo de Inferioridade

Rosto pálido e negro,
Olhos castanhos esbugalhados,
Olham o mundo moderno materialista,
Onde cada um tem seu especialista

A burguesia é o último estagio aceito,
A estética acompanha o grau de aceitação,
Paramos em frente a linha e dormimos na estação
Somos monetária e esteticamente inúteis,

Sorrimos com migalhas na mesa,
Sobramos um pouco para mais tarde,
Lavamos nosso rosto no rio da esperança, e nossa chama de
amanhã ser um pouco melhor se arde

A nossa anatomia está distorcida,
O sexo oposto nos rejeita,
Nossos sonhos eróticos jamais serão realizados,
Pois as palavras perderam o seu poder,
E a sedução sensual tem como estímulo folhas verdes, jóias, carros e
pedras preciosas,

Ah
E tudo que nós temos é esse complexo de inferioridade

A minha carta de Velório

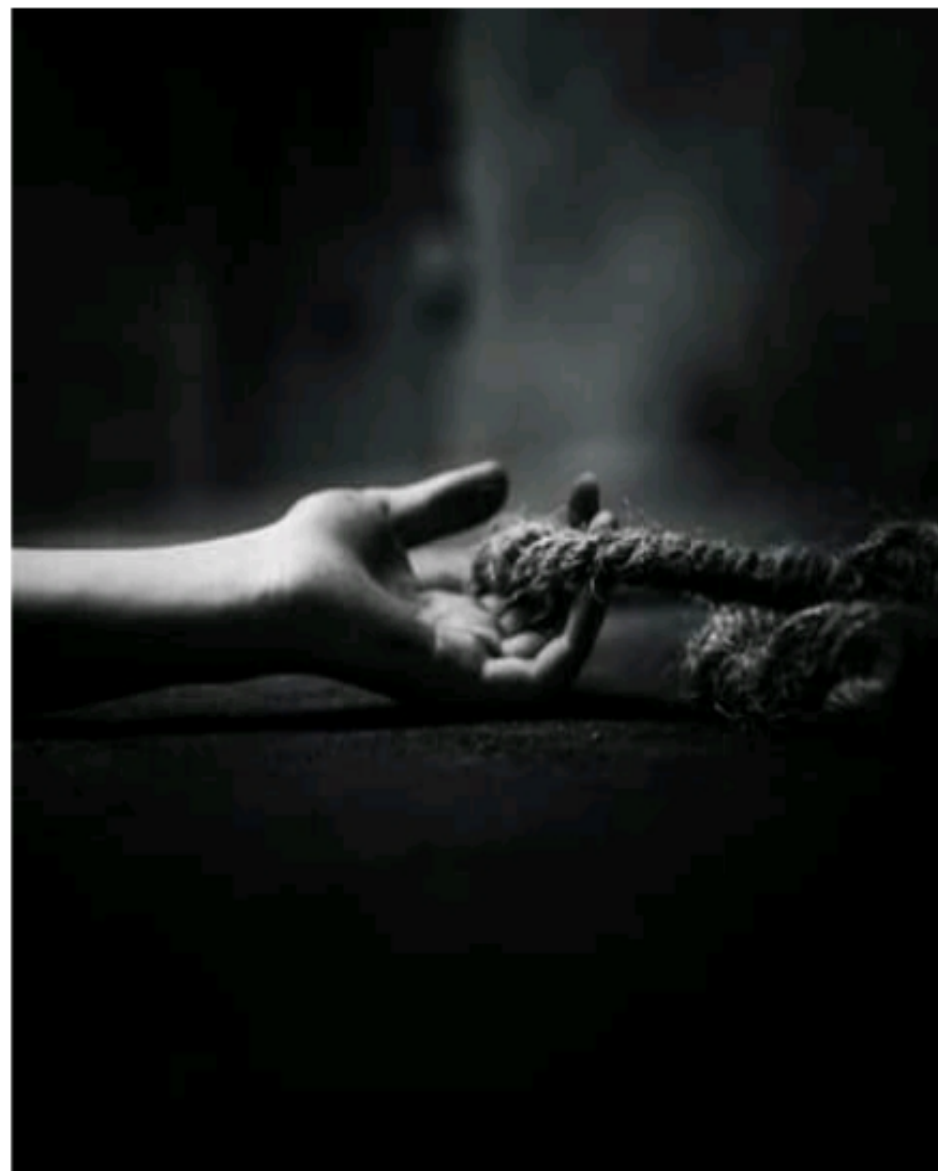
Deixem as flores dos jardins,
Não arranquem-nas
As deixem viver como eu vivi,
Como vocês respiram...
Deixem-nas respirar

É meu velório e eu exijo,
Que não chorem por mim senão por vós mesmos,
Jamais estarei aqui outra vez,
Tentem não lembrar...

A morte é uma amiga que gosta de pregar partidas,
É engraçadinha,
Seu truque me fez desaparecer de vossos olhos enundados de
água,
Porquê choram, amigos?

Estou cá entre vós,
Em baixo e em cima, pelos ares
Como um átomo,
Sou uma partícula ínfima e invisível,
Porém viva que posso ser sentido

Encontrem-me na chuva
Nas poças de água onde as crianças brincam,
Sintam-me na brisa refrescante do rio,
E nas águas não intermitentes que deslizam num curso implacável,
No leito da fatalidade da morte.



Biografia

Nascido aos 22 de Julho de 2000 em Angola, na província da Huíla, município de Quipungo, professor do ensino primário e estudante universitário de Pedagogia. Desde cedo apaixonou-se pela leitura e escritores como A. Cury, Mia Couto, Voltaire, F. Dostoievsk, Pepetela, entre outros o fizeram desencadear o gosto pela escrita. Fez sua instrução primária e o Primeiro ciclo do ensino secundário em Quipungo, por motivos de condições, sentiu-se obrigado de sair da terra natal para continuar os estudos em Caconda, Província da Huíla, onde fez o segundo ciclo na Escola de Magistério primário do Nambambi-Lubango, onde permaneceu por quatro anos. Actualmente vive no município de Quipungo com os pais.

Poemas da Meia Noite

Autor: António Diogo S. Manuel

EDITORA DIGITAL
"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Músicas:

Passenger: What Will Become Of Us

Gabriel Tchiema: Azulula

Passenger: Hearts On Fire, Caravan

Sia: Snowflake

Lproduções: sobeati full

Whitney Houston: Run To You

Emili Sandé: Read All About It

Great Big: World Already Home

James Blunt: No Tears

Adele: Make You Feel My Love

Adekunle: Gold Simi Promise

Dream: It Possible

Lewis Capaldi: Hold Me While You Wait

mlindo the vocalist feat-dj-maphorisa: amablessor

Skylar Grey: Everything I Need

Sia: Salted Wound

Todos os direitos desta obra reservados a
António Diogo S. Manuel

Este E-book está protegido por
Leis de direitos autorais na "CPLP" e na "SADC"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

Esta obra está sob uma Licença Commons.
Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que
Seja dado crédito aos autores originais -
Não é permitido modificar esta obra.
Não pode fazer uso comercial desta obra.
Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade
Pelos textos, músicas e imagens
É exclusivamente do Autor.

[Voltar à Capa](#)

